André Pomponet

A reconfiguração do Carnaval da Bahia

André Pomponet - 02 de março de 2017 | 09h 50

O tom do noticiário sobre o Carnaval mudou em 2017. Antes, tudo girava em torno da folia soteropolitana, com seus blocos, seus camarotes, seus famosos, sua badalação, sua superficialidade. A alegria, a irreverência e a densidade cultural dos baianos figuravam num plano secundário no jornalismo de entretenimento. E a segregação e a exclusão, quando apareciam, brotavam como pauta marginal de algum jornalista excêntrico. Isso quando surgiam, o que costumava não ser a regra.

Esse ano, a folia em Salvador ficou menor no noticiário. Tudo por conta da crise de identidade que impõe uma difícil transição ao Carnaval baiano, cujas estrelas tradicionais decaem. E, também, por conta do vertiginoso crescimento da festa em metrópoles como Belo Horizonte e, sobretudo, São Paulo, com milhões de foliões espalhados pelos diversos circuitos da megalópole.

Em parte, a crise explica a reconfiguração: sem dinheiro, muitos dos que vinham para a Bahia desistiram, curtindo a folia em suas próprias cidades, já que sai mais barato. A situação econômica, portanto, deu o impulso inicial aos blocos que, parece, podem sinalizar para o futuro da folia nessas cidades.

Por aqui, a lógica mercantil que regia a organização da festa vergou sob a crise: há menor demanda por blocos com corda e camarotes. Daí a tentativa de transição abrupta para um modelo que diverge do que se consolidou nas últimas décadas e que tornou os barões do Carnaval multimilionários. Mas há, também, a saturação e o declínio do gênero comercial batizado como “axé music”, com seus pagodeiros e sua música de qualidade questionável.

Folião pipoca

Diante desse cenário, o folião pipoca – o pobre segregado que, sem dinheiro, curtia a festa espremido nas bordas dos circuitos – foi alçado à condição de celebridade. Do nada, resgataram o discurso de que a festa se faz em função dele; subitamente, se viu paparicado, zonzo com o anúncio de incontáveis artistas contratados para fazer a festa para ele; abruptamente, sua presença indesejada ganhou os holofotes, positivamente.

Quem transitou por Salvador ficou estupefato com os renitentes anúncios de atrações voltadas para fazer a festa do folião pipoca. As cordas – símbolo do Carnaval mercantil e excludente de anos passados – tornaram-se alvo de críticas ácidas. O que ocorre é que as cordas foram baixadas, mas a lógica da folia permanece a mesma, pouco competitiva para o tsunami de blocos que surgiram nos últimos anos em outras capitais.

É claro que os avanços observados na reconfiguração do Carnaval de Salvador devem ser comemorados. Principalmente porque nota-se um esforço – ainda incipiente – de inclusão daqueles que, por décadas, foram alijados dos festejos. Mas é óbvio que

CHARGE DA SEMANA

COLUNISTAS

César Oliveira
Degradação, suruba e c do ar
Inventário

Glauco Wanderley
Anistia vai isentar de ju multas quem pagar déb
Bahia também arrecad em 2016

André Pomponet
A reconfiguração do Ca Bahia
Apesar do Carnaval, ref Previdência avança ser

Valdomiro Silva
Flu x Bahia, um jogo qu no Joia
Fluminense tem seu gra Bahia de Feira, a chanc reabilitação

AS MAIS LIDAS HOJE

1
Anistia vai isentar de juros e multas qu débito à vista

2 Internautas elegem Santinha a Música 2017

3 Receita passará a cruzar informações e do eSocial na malha fina do IR

aquele histórico protagonismo da capital baiana no reinado do Momo foi posto em xeque.

E Feira?

Tomara que o bafejo renovador sobre a folia baiana tenha força suficiente para sacudir a Micareta da Feira de Santana, que em 2017 acontece excepcionalmente em maio. Por aqui, ao longo dos anos, a festa se tornou objeto de decisões burocráticas, quase cartoriais, sem o viço e a força que costumam caracterizar esses festejos. Ano após ano, o que se vê é uma Micareta rotineira, chata, previsível, exangue.

No período, muitos feirenses preferem viajar, porque a folia perdeu aquela pujança de outrora. O chamado folião pipoca – aquele que deveria dar o tom dos festejos –, espremido pelas cordas dos blocos, pelos camarotes e pelas barracas, fica ali contido, impossibilitado de extravasar, com sua latinha de cerveja na mão.

Lá no futuro, quem sabe, talvez surjam blocos espontâneos, populares, e a Micareta se desconcentre, ganhando os bairros, tornando-se plural, refletindo a rica cultura desse pedaço de País. As condições iniciais para as transformações começam a surgir, como se vê. Resta saber quando vão transbordar, alcançando a cidade que detém o título de palco da primeira Micareta do Brasil.

André Pomponet

LEIA TAMBÉM

Apesar do Carnaval, reforma da Previdência avança sem discussão

A variada fauna dos baleiros de Salvador

Uma viagem ao Centro de Abastecimento

4 Xuxa desabafa sobre Globo e fala sobre Única amiga no meio artístico

5 Metalúrgico feirense morre afogado ao foto em Jauá